

Arrocho faz CUT mudar o discurso

ANA DUBEUX

A CUT/DF vai comemorar em alto estilo o Dia do Trabalhador: fará um showmício, na rodoviária, com a presença do cantor Alceu Valença. O presidente da entidade, José Zunga, acha que a data merece ser lembrada com alegria, apesar da política de arrocho salarial do Governo FHC. Uma das novas lideranças sindicais de Brasília, Zunga reconhece que a Central mudou de cara: "A CUT evoluiu. Está mais sensível. Continua raivosa, só que percebeu que babar não adianta". O discurso intempestivo cedeu lugar à prática da negociação. A CUT de hoje, segundo Zunga, bate se for preciso, mas elogia sem pudor até mesmo os patrões: "os empresários do DF são evoluídos", garante. Retrógada e arcaica, a seu ver, têm sido algumas atitudes do GDF. Com a língua mais afiada do que nunca em relação ao Governo que ajudou a eleger, o presidente da CUT usa artilharia pesada contra Cristovam Buarque: "A militância do PT está triste. Cristovam é intelectual demais para os trabalhadores que passam fome". Nessa entrevista ao **Jornal de Brasília**, Zunga diz que o movimento sindical não pode ser responsabilizado pela baixa popularidade de Cristovam; assume que pode se candidatar em 1998; admite que há fisiologismo na administração petista; e aproveita para alfinetar os parlamentares de esquerda: "O pessoal anda sumido das manifestações".

Os trabalhadores de Brasília têm motivo para comemorar o 1º de maio?

- Nos últimos anos, a gente tem trabalhado muito para defender emprego e a cidadania. Os sindicatos entraram num novo cenário que não se resume apenas na reivindicação salarial. O movimento passou a ser expressivo em todos os aspectos. Talvez quanto à política salarial não se tenha muito o que comemorar, mas o fato de estarmos hoje extremamente organizados, de lutarmos para ter moradia e reforma agrária, são elementos que nos encorajam a dizer que ainda é possível acreditar na organização dos trabalhadores. Sem falar no fato de o trabalhador ser muito otimista.

Há mais motivos para rir do que para lamentar?

- Pelo aspecto salarial e pelo desemprego crescente não temos motivo para comemorar, mas pela alegria de ser trabalhador e não ter

rabo preso com FMI, ou coisa parecida, temos muito o que comemorar.

A Central está menos raivosa?

- A CUT continua raivosa, só que percebeu que babar não adianta. É melhor conversar sem abrir mão dos princípios. Nisto não mudamos nada. Agora a gente entende que é preciso evoluir. Para dizer o que a gente pensa é preciso ser mais sensível, mais humano. O discurso raivoso distancia as pessoas. A CUT está mais humana. Nos tornamos mais próximos do cidadão mais humilde.

A relação do GDF com o Governo Federal atende as expectativas dos trabalhadores?

- O governador Cristovam Buarque não faz uma política de confronto em relação às mazelas de FHC contra o DF. Não é para pedir, é para exigir os recursos a que temos direito. Subsistência não adianta. Cristovam disse na campanha que não ficaria de pires na mão, mas tem feito isto. Fizemos um movimento pelo

repasso de verbas com toda a sociedade civil e o GDF ficou vacilante.

O Movimento Sindical tem feito duras críticas à administração petista e o governador Cristovam Buarque reage à altura. Não é estranho ver a CUT e o PT se digladiando?

- O Chico Buarque tem aquela música Geni e o Zeppellim. A Geni servia para tudo, era uma maravilha e, de repente, passou a ser escorraçada na cidade. O movimento sindical sempre foi um exemplo. Foi um dos principais pilares da construção do PT. Sou filiado ao PT e não vou deixar de ser petista por muito tempo. Acredito na bandeira histórica do partido, no entanto a gente observa que não dá para confundir o papel do partido, com o papel do governo. Se fomos úteis na construção do PT e na elaboração de todo o plano político que o partido desempenha no âmbito do Governo porque agora nos atacam? Se jogarem pedra na gente,

vamos revidar com um caminhão de pedras.

O GDF despreza a CUT?

- Uma vez eleito, o PT não pode nos desprezar. Não pode passar a ter o rótulo do "joga a pedra na Geni".

"A CUT continua raivosa, só que percebeu que babar não adianta mais"

Foram as corporações que construíram os núcleos de base partidária para que o PT crescesse. Não podemos ser responsabilizados por um certo fracasso ou uma baixa popularidade do Governo nas pesquisas. É

injusto sermos responsabilizados dessa forma.

O governador censura o excesso de corporativismo do movimento sindical. Por que vocês reagem às críticas com tanta fúria?

- Ele fala em excesso. Será que nós exercemos de forma exacerbada o corporativismo? Queria ver o governador Cristovam, do PT, ter coragem de dizer que nocivo ao Brasil é corporativismo da Câmara dos Deputados, que aumenta seus próprios salários em detrimento dos salários dos trabalhadores. Nocivo é o corporativismo dos juizes classistas ou dos juizes dos tribunais que não querem acabar com a aposentadoria especial que eles têm. Nocivo é o corporativismo dos banqueiros, dos latifundiários etc. O governador não fala nada disso.

O governador está amordaçado?

- O governador está amarrado a uma teoria muito distante da fome e



Alan Marques

José Zunga: o governador está amarrado a uma teoria muito distante da fome e da miséria em que vive o trabalhador

da miséria em que vive a classe trabalhadora. O governador é uma fábrica de idéias, ele pensa muito. É intelectual demais para os trabalhadores que passam fome. A prova real é que ele percebeu que o excesso de teoria estava sendo prejudicial ao GDF e agora está fazendo um governo de massa. A tática estava errada. O movimento sindical, portanto, não é o inimigo número um desse Governo.

Você acusou o GDF de promover uma guerra publicitária contra os servidores. O GDF rebate falando na banalização das greves.

- Quem está ganhando com essa greve é a mídia, graças aos informes publicitários. Tem que baixar a bola, sentar e discutir. Se não tem dinheiro precisamos encontrar uma saída. Vivemos a ditadura do silêncio nas negociações.

Que propostas a CUT apresenta para acabar com o desemprego no DF?

- Estamos assinando com a Secretaria do Trabalho, semana que vem, um convênio de participação de mão-de-obra, em que nossos sindicatos farão cadastro de familiares para que possam ser treinados dentro de uma demanda específica. Apresentamos um projeto de isenção para os trabalhadores comprovadamente desempregados. Eles deixariam de pagar contas de luz, água e moratória da prestação da casa própria, como também vale-transporte. Queremos linha de crédito para os trabalhadores investirem em seu próprio negócio.

A ameaça do fim da estabilidade está inibindo as manifestações dos sindicatos?

- Estão fazendo terrorismo, provocando uma tensão psicológica nos servidores e isto de algum modo reprime algumas pessoas. Tenho saudade da época que os deputados de Brasília iam às manifestações. Não sei o que houve. Tenho saudade. Os partidos estão perdendo uma grande oportunidade de conversar com a massa. Os partidos estão distantes.